Aula 3

EM BUSCA DE UMA HISTÓRIA DO BRASIL PARA O BRASIL

META

Evidenciar como se deu o processo da fundação da história nacional e suas primeiras vertentes de interpretação, destacando Francisco Adolpho Varnhagen. (1816-1878) e João Capistrano de Abreu (1853-1927).

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá: identificar as finalidades do ensino de Comentar a construção da identidade brasileira e o papel do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; contextualizar e enfatizar a importância de Capistrano de Abreu para a Historiografia brasileira.

PRÉ-REQUISITOS

Ter compreendido a aula anterior e, sobretudo, saber distinguir o conceito de História e Historiografia.

Maria Nely dos Santos

INTRODUÇÃO

Por ocasião da apresentação da obra em dois volumes, *Introdução ao Brasil. Um banquete no trópico* – sob sua coordenação – o jornalista Lourenço Dantas Mota faz a colocação muito pertinente para este momento: já se disse com humor e verdade que ensinar é fazer cócegas na inteligência. Ensinar mais no sentido de atiçar a curiosidade, provocar a imaginação e estimular vôos mais altos do que simplesmente transmitir conhecimento. (DANTAS, 2004: 11).

Muito bem! Que tudo isto esteja acontecendo. Recapitulo e insisto que caminhar pela historiografia é por em prática o exercício de bibliografia e se sentir provendo a descobrir neste ou naquele livro um instrumento de pesquisa para trabalhos futuros.

Na aula anterior, a conversa girou em torno dos cronistas, viajantes e as obras temáticas sobre o Brasil Colonial. Hoje, o ponto chave é a construção da identidade brasileira e o papel desempenhado pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Considerando o lugar e o tempo de sua produção quais obras podem e devem ser inventariadas? Enfim, é na regência que se manifesta o primeiro esforço e interesse pela historiografia. A ocorrência da independência (1822) teria definido a identidade da nova nação ou a ruptura com a não portuguesa seria somente política? O que o Brasil era e o que queria ser?

Para tornar a aula mais interessante, Varnhagen e Capistrano de Abreu fazem parte dessa rodada de conversa.

Tudo bem até aqui? Então vamos lá.

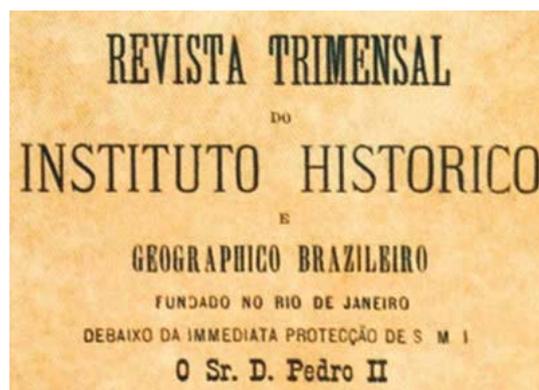
Francisco Adolfo de Varnhagen (Fonte: http://pt.wikipedia).

Filho da portuguesa Maria Flávia de Sá Magalhães e de Friedrich Ludwig Wilhelm Varnhagen, um engenheiro militar alemão contratado pela Coroa para construir os altos fornos da Real Fábrica de Ferro de Ipanema, na região de Sorocaba, na então Capitania de São Paulo, estudou no Real Colégio Militar da Luz, em Lisboa, e iniciou a carreira militar à época das Guerras Liberais, como voluntário nas tropas de D. Pedro IV de Portugal que lutavam contra D. Miguel I de Portugal.

Escreveu Notícia do Brasil, seu primeiro trabalho de história, entre 1835 e 1838. Suas pesquisas na matéria levam-no a localizar o túmulo de Pedro Álvares Cabral na Igreja da Graça, em Santarém. Foi admitido como sócio-correspondente na

Academia de Ciências de Lisboa. Formou-se como engenheiro militar em 1839, na Real Academia de Fortificação, Artilharia e Desenho. Retornou ao Brasil em 1840, entrando para o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 1841, exercendo o cargo de primeiro-secretário. Em 1844 obteve a nacionalidade brasileira, podendo ser admitido na carreira diplomática. Serviu na legação de Lisboa e na de Madrid, obtendo reconhecimento como historiador com a publicação da História Geral do Brasil em dois volumes (1854-1857). Foi destacado para o Paraguai (1858), tendo servido ainda na Venezuela, em Nova Granada (atual Colômbia), no Equador, no Chile, no Peru e nos Países Baixos.
Seu amor pela terra natal levou-o a registrar, em baixo do nome da obra que o imortalizou, a História do Brasil, a expressão - natural de Sorocaba. Nos altos do Morro de Ipanema, há um monumento a Varnhagen, que visitado pela Família Real em 11 de novembro de 1884. Nesse monumento há a inscrição: A memória de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro, nascido na terra fecunda descoberta por Colombo. Iniciado por seu pai nas couzas grandes e úteis, estremeceo sua pátria escreveo-lhe a história. Sua alma immortal reúne aqui todas as suas recordações.
Aproveitou o seu contato com o exterior para coletar documentos sobre o Brasil em bibliotecas e arquivos. Recebeu em 1872 o título de Barão de Porto Seguro, sendo elevado a visconde 2 anos mais tarde. Encerrou a sua carreira como representante diplomático em Viena, na Áustria, onde faleceu em 1878, aos 62 anos.

DESENVOLVIMENTO: A CRIAÇÃO DO IHGB

REVISTA TRIMENSAL
DO
INSTITUTO HISTORICO
E
GEOGRAPHICO BRAZILEIRO
FUNDADO NO RIO DE JANEIRO
DEBAIXO DA IMMEDIATA PROTECÇÃO DE S M I
O Sr. D. Pedro II

Capa da Revista do IHGB: um marco significativo da escrita do nosso passado.
(Fonte: http://www.brasilescola.com).

O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro nasceu, em 1838, da aspiração de uma entidade que refletisse a nação brasileira que, não muito antes, conquistara a sua Independência.

Na Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional – hoje, por sucessoras, a Federação das Indústrias do Rio de Janeiro –, os secretários, cônego Januário da Cunha Barbosa e marechal Raimundo José da Cunha Matos, apresentaram proposta para a sua criação, concretizada em 21 de outubro daquele ano, em Assembléia Geral, firmada por 27 fundadores, previamente escolhidos.

Em 167 anos de profícua existência, tem-se caracterizado por atividades múltiplas, nos terrenos cultural e cívico, pela reunião de volumoso e significativo acervo bibliográfico, hemerográfico, arquivístico, iconográfico, cartográfico e museológico, à disposição do público, durante todo o ano, e pela realização de conferências, exposições, cursos, congressos e afins.

Contou com o patronato do imperador d. Pedro II, a quem foi dado o título de Protetor, o qual incentivou e financiou pesquisas, fez doações valiosas, cedeu sala no Paço Imperial para sede do Instituto, em seus passos iniciais, e presidiu mais de 500 sessões.

Um episódio acontecido em 1838 teve uma grande influência na constituição da história brasileira: a fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tal influência que se estendeu até os anos de 1931-33, adquiriu contornos incontestáveis e, em sendo o único centro de estudos históricos do Brasil, produziu uma historiografia novecentista e monarquista.

A proposta da criação da entidade deveu-se ao cônego Januário da Cunha Barbosa e ao brigadeiro Raimundo de Cunha Matos, que a apresentaram à Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional (SAIN) criada em 1827. A proposta é aprovada e o IHGB teve sua instalação no dia 2 de outubro do ano de 1838.

O papel e o perfil do IGGB são dessa forma delineadas por Francisco Iglesias:

> Há no Instituto, no início, uma linha nativista. [...]. Os traços mais notáveis do órgão, no entanto, são os pragmatismos da história e o gosto da pesquisa. Pretende-se fazer uma história que tenha função pedagógica, orientadora dos povos para o patriotismo, com base no modelo dos antepassados. È o velho conceito da história como a mestra da vida que se cultua. Daí certa insistência em biografias de vultos como exemplares. Mais importante que essa nota é o gosto pela pesquisa, o cuidado com a documentação. (IGLESIAS, 2000: 61).

O IHGB, uma realidade da primeira metade do século XIX, subsidiado pelo governo imperial, chegou com força total desenvolvendo um programa de pesquisa enviando estudiosos aos arquivos europeus.

Não por acaso, história e historiadores são vitais. Estes últimos não servem apenas para legitimar o Imperador no poder, mas também para referendar a constituição da identidade do seu império.

Certamente, a Revista que circula desde 1839 não constitui a principal iniciativa da entidade. Em 1840, Januário da Cunha Barbosa (1780-1846), então Secretário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, teve a ideia de

oferecer cem mil réis como prêmio a quem apresentasse ao IHGB um plano sobre a melhor forma de escrever a história do Brasil, organizado de tal modo que nele se compreendessem as partes política, civil, eclesiástica e literária.

Não seria um historiador o vencedor da monografia, mas um botânico! O nome dele é Karl Friederech Philipp Von Martius e o título do seu trabalho é: Como se deve escrever a história do Brasil (1845). Através dos comentários de José Honório Rodrigues pode-se avaliar porque Von Martius tem interesse especial para a historiografia:

> Martins é o primeiro a chamar a atenção sobre a importância da contribuição das três raças na história brasileira. È o primeiro a dizer que seria um erro, em face de todos os princípios da historiografia, desprezar as forças dos indígenas e dos negros importados, forças essas que igualmente concorreram com o elemento europeu para o desenvolvimento físico e civil da totalidade da população. [...] Apontou, ainda a necessidade de se estudar a história da legislação e do estado social da Nação portuguesa, para poder mostrar como nela se desenvolveram pouco a pouco instituições municipais tão liberais como as que foram transportadas para o Brasil.

Para complementar, é bom citar o próprio Martius ao fazer uma sugestão de história regional para o Brasil, ou seja, as diversas províncias

[...] deveriam ser tratadas conjuntamente aquelas porções do pais que, por analogia de sua natureza física, pertencem umas às outras. Assim, por exemplo, converge a história das províncias de São Paulo, Minas, Goiás e Mato Grosso; a do Maranhão se liga à do Pará e a roda dos acontecimentos de Pernambuco formam um grupo natural as do Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba. Enfim, a história de Sergipe, Alagoas e Porto Seguro não será senão a da Bahia. MARTIUS, RHGB, 1845: 390).

Bases lançadas, o caminho foi aberto para outros escreverem sobre o Brasil. O plano geral do livro de Martius foi elogiado, seguido e alvo de críticas. Para Iglesias e José Honório Rodrigues é nítida a influência de Martius na História do Brasil, do sergipano João Ribeiro, (1860-1934), publicada em 1900 e muito destacada à época.

Entretanto, a obra de Martius desagradou a Silvio Romero (1851-1914). Além de ter feito restrições ao texto escrito, considerou-o mediano, salvou-se no espólio de Martius a *Flora Brasilienses*. No mais, tudo é de valor secundário.

Afinal, Martius escreveu ou não a tão necessária História do Brasil? Para Carlos Reis "ele tinha elaborado não era uma tal história ainda, mas somente o seu projeto, que ele próprio se recusara a levar adiante". (REIS, 1999: 28).

VARNAGEN E SUA HISTÓRIA OFICIAL
O POSITIVISMO DE CAPISTRANO DE ABREU

João Capistrano de Abreu Um dos primeiros grandes historiadores do Brasil, produziu, ainda, nos campos da etnografia e da lingüística. (Fonte: http://baby-fazendodiferenca.blogspot.com.br).

Nasceu em Maranguape-CE. A sua obra é caracterizada por uma rigorosa investigação das fontes e por uma visão crítica dos fatos históricos.
Fez os seus estudos primários e secundários em Fortaleza e no Recife, mudando-se para o Rio de Janeiro em 1875. Nesta cidade, empregou-se como caixeiro, na famosa Livraria Garnier,
passando a colaborar no periódico Gazeta de Notícias. Nomeado oficial da Biblioteca Nacional (1879), inscreveu-se em concurso do Colégio Pedro II para o cargo de professor de Corografia e História do Brasil (1883). A tese que apresentou versava sobre o Descobrimento do Brasil e seu desenvolvimento no século XVI, considerada como uma das mais importantes obras em historiografia de história do Brasil. Aprovado, tomou posse do cargo em 23 de Julho de 1883, tendo-o exercido até 1899, quando Epitácio Pessoa, então ministro da Justiça, determinou anexar o ensino de história do Brasil ao de história universal. Em sinal de protesto, Capistrano recusou-se a lecionar a nova disciplina, preferindo manter-se em disponibilidade para se dedicar à pesquisa.
Principais Obras: José de Alencar (1878); A língua dos Bacaeris (1897); Capítulos de História Colonial (1907); Dois documentos sobre Caxinauás (1911-1912) Os Caminhos Antigos e o Povoamento do Brasil (1930); O Descobrimento do Brasil Ensaios e Estudos (1931-33, póstumos).

Por mais desconhecida e novidadeira que a Historiografia lhe pareça, o papel de realizador da grande síntese do século XIX, não há dúvida, cabe a Francisco Adolpho Varnhagen. Sua importância pode ser avaliada através de comentários como o de Honório Rodrigues, aliás taxativo: “ninguém

pode graduar-se em História do Brasil sem ter lido Varnhagen"; de Alice Canabrava", pois sua obra é o "momento da história brasileira no século XIX". A opinião discordante fica a cargo de Nilo Odália, para quem a obra de Varnhagen é "apesar de escrita num estilo literário monótono, vale a pena ser lida por se tratar de um testemunho valioso de uma época".

Dissonância a parte, a contribuição de Varnhagen é inegável. Deixou uma extensa e variada obra composta por dezenas de títulos, entre livros opúsculos, artigos e memórias. No âmbito dos estudos históricos, o maior destaque é a *História Geral do Brasil antes da sua separação e Independência de Portugal,* dedicada a D. Pedro II. Concluída em 1875, permaneceu inédita até 1916.

Varnhagen foi um historiador engajado e militante, razão porque não conseguiu escrever uma "nova história" divorciada do caráter "oficial". Sua obra exalta a Monarquia, venera a figura de D. Pedro II. Na verdade, sua visão sobre a História do Brasil é a do colonizador português. Mesmo sem abranger todos os aspectos da vida nacional, o leitor ou o pesquisador tem ao seu dispor um livro abordando uma história político-administrativa carregada de fatos, nomes e datas. Usando uma classificação para os dias de hoje, uma "história fatual".

Aqui, não há espaço, para citar os comentários críticos – e não são poucos – acerca da obra de Varnhagen. A exceção é feita ao Capistrano de Abreu. Para ele, apesar de admirar a erudição do autor - não gostava do estilo e da escrita do autor e uma das falhas da sua história, estaria na organização temporal. Tal fato o teria impedido de formular uma melhor compreensão do Brasil, tornando o livro incompleto e lacunar.

De Varnhagen a Capistrano de Abreu e desde até mais ou menos 1933, encontram-se muitos autores e obras podendo ser agrupados em várias linhas de trabalho. Dados os objetivos deste caderno, serão identificados os mais destacados. Acredito que já ouviu alguma referência sobre Capistrano de Abreu. Evidentemente, será com ele, "o mais caboclo dos historiadores" que esta aula será concluída.

Em 1929, Tristão de Athayde identificava Capistrano de Abreu como "nosso grande e estranho historiador". Quem é ele e o porquê de sua importância para a historiografia brasileira?

Nasceu em 1853, no sítio Colominjuba, termo de Laranguape, na então Província do Ceará. Ali passou a infância, cursando o primário numa escola de província. Deu sequência aos estudos em Pernambuco, estudando francês e inglês. Viveu no Rio de Janeiro de 1875 até 1927, quando morreu vitimado por uma broncopneumonia. Elaborou Capistrano de Abreu um ambicioso plano de escrever História do Brasil. Por que tanta vontade e tanto ânimo? Acredito que se possam alinhar estes fatores como estimuladores: a) trabalhar na Biblioteca Nacional, ao lado de pesquisadores eruditos; b) lecionar Corografia e História do Brasil Imperial no Colégio Pedro II; c) ingressar no IHGB; d) por fim, a discordância sobre a história elitista de Varnhagen, onde o povo como ele dizia "durante três séculos capado e recapado, sangrado e ressangrado" é completamente ausente.

Teria, de fato, conseguido realizar o sonho e a idéias acalentados desde 1874?

Não foram poucos os problemas e os percalços enfrentados para escrever e publicar os *Capítulos da História Colonial*, publicado em 1907, para quem não passava de "um esboço histórico e geográfico do Brasil". Após o lançamento de seu livro, em cartão ao Barão Studart, ele revela decepcionado: "Imaginava outra cousa e não pude realizá-la, parte por culta minha, parte por culpa das circunstâncias. Decretei muito na extensão da vida e da brevidade da arte e fui punido. Quando ainda no Ceará, concebi-a, a obra tinha outras dimensões. Cada ano levou um lance ou um andar. A continuar mais tempo, ficaria reduzida a uma cabana de pescador. Mesmo agora acho-lhe uns ares de tapera"

É importante salientar dois aspectos: os capítulos de Capistrano começam a ser delineados quando a Monarquia passa a ser questionada bem assim a sistema da escravidão e onde se buscam novas bases econômicas e sociais, políticas e mentais para o Brasil.

Os intelectuais brasileiros do final do século XIX percebiam o fosso entre a realidade brasileira e os seus escritores.

Discutir, então, sobre positivismo, comtismo, darwinismo, teorias raciais, história e ciência era sinônimo de estar antenado e ligado ao que ocorria pelo mundo. Portanto, Euclides da Cunha, Oliveira Viana, Silvio Romero, Tobias Barreto, enfim a geração de Capistrano de Abreu discutia sobre tais assuntos. Em suma: Capistrano, "historiador autodidata, formado pela experiência de pesquisa em arquivos, passou a ser conhecido aqui e no exterior, dialogando de igual para igual com estudiosos brasileiros e estrangeiros, foi um dos primeiros a se dedicar à busca das raízes do Brasil". (GONTIJO, 2006: 74).

CONCLUSÃO

Querido aluno/aluna, tratamos, nesta aula, sobre a criação do IHGB e a preocupação desta entidade com a escrita e a publicação de uma História do Brasil. As contribuições dos livros de Von Martines e Varnhagen são interessantes e refletem as dificuldades de interpretar o Brasil daquele contexto. O passo maior é dado por Capistrano de Abreu um dos iniciadores da corrente do pensamento histórico brasileiro.

RESUMO

Impossível falar da história da formação do Brasil , definir sua feição, apontar heróis e escrever sua história sem mencionar a atuação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, muitos interpretes do Brasil pertenceram aos seus quadros.

ATIVIDADES

Acesse o site www.nossahistoria.net. Ler cuidadosamente o artigo de Rebeca Gontijo "Nosso estranho historiador". Participe do fórum a ser criado na plataforma e poste um resumo de sua leitura.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

O(a) aluno(a) deverá acessar, ler e refletir sobre o conteúdo dos sites que trata de uma figura de destaque da historiografia brasileira, considerada "o pai dessa historiografia". Realçar a diferença entre a sua história daquela que foi escrita por Varnhagen.

PRÓXIMA AULA

Na virada do século XIX par o século XX.

REFERÊNCIAS

Mota, Lourenço Dantas. **Introdução ao Brasil** (Um Banquete no Tropico). 4ª Ed. São Paulo. Editora Senac, 2004.
Iglesias, Francisco. **Historiadores do Brasil.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Belo Horizonte, MG: UFMG/IPEA 2000.
Rodrigues, José Honório. Vida e obra. São Paulo: Editora Perspectiva, AS, 1986.
Martins, Von. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1845.
Reis, José Carlos. As identidades do Brasil. De Varnhagen a FHC. 2ª Ed. Rio de Janeiro. Ed: FGV, 1999.
GONTIJO, Rebeca. Nosso Estranho Historiador. In: **Nossa História.** Ano 4, nº 38, 2006.